

# O preconceito na enfermagem percebido por enfermeiros em diferentes décadas<sup>1</sup>

*Elaine dos Santos Jesus<sup>2</sup>, Leoana Reis Marques<sup>3</sup>, Luana Conceição Fortes Assis<sup>4</sup>,  
Taisy Bezerra Alves<sup>5</sup>, Genival Fernandes de Freitas<sup>6</sup>*

<sup>1</sup>Trabalho de I.C. financiado pela FAPESP.

<sup>2,3,4,5</sup> Alunas do 6º semestre de graduação,<sup>6</sup> Professor Doutor do Departamento ENO - Orientador. <sup>2,3,4,5,6</sup> Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo

**Objetivos:** Estudando a História da Enfermagem, observa-se que a percepção distorcida e errônea da profissão, logo preconceituosa, não é um fenômeno incomum, tampouco recente, tendo sua gênese possivelmente a partir da secularização do processo de cuidar, iniciado com a reforma protestante<sup>1</sup>. A motivação para a realização deste estudo perpassa os seguintes objetivos: a) Identificar a existência de possíveis preconceitos relacionados com a profissão de enfermagem e, em particular, com os enfermeiros, em diferentes décadas passadas; b) Levantar os tipos de preconceitos mais comumente percebidos pelos enfermeiros durante o curso de enfermagem e o exercício profissional; c) descrever quem eram as pessoas que manifestavam esses preconceitos em relação à enfermagem ou aos enfermeiros; d) pontuar as formas de enfrentamento das situações consideradas preconceituosas pelos sujeitos.

**Material e método:** Trata-se de um estudo de natureza quantitativa, histórico-social e exploratória. Foram realizadas entrevistas com enfermeiros formados em diferentes décadas, de acordo com os seguintes critérios: terem se destacado em atividades de liderança na profissão, no âmbito nacional e/ou internacional, bem como residirem atualmente no Estado de São Paulo. A coleta dos dados foi realizada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

**Resultados e discussão:** O total de colaboradores foi de 23, sendo 91% do sexo feminino e 9% masculino. A maioria (61%) deles estudou na Escola de Enfermagem da USP e 39% em outras instituições de ensino superior. A maior parte dos sujeitos formou-se na década de 70 (35%); seguidos pelas décadas de 40 (17%) e 50/60 (13% cada). Desse total, 18% referem-se às décadas de 80/90; e 4% formaram-se em 2000. A maioria dos colaboradores recebeu o apoio familiar ao

escolher a profissão (70%). Do total dos colaboradores (43 sujeitos) 61% perceberam atitudes preconceituosas na época de graduação dos quais 55% mencionaram que as mesmas despontaram entre membros da própria família, como pais, mães, irmãos e cunhados; 20% referiram-se aos amigos e colegas; 20%, apontaram outras pessoas (médico de infância, membro da colônia árabe e namorado) e 5% não souberam referir. Dentre as atitudes preconceituosas, 48% dirigiram-se aos próprios colaboradores da pesquisa; 39% à outros profissionais enfermeiros e 13% não observaram. Um percentual relevante (35%) considerou como atitude preconceituosa a comparação do profissional enfermeiro com o médico, como crença, pelo usuário, de que o médico é melhor capacitado que o enfermeiro; ressalta-se, ainda, o sentimento de inferiorização do enfermeiro (27%). Destacou-se que em relação às formas de enfrentamento do preconceito, 44% consideraram que a boa formação é elemento imprescindível para o posicionamento do profissional face ao preconceito. Do total de respondentes, 59,1% revelaram que houve mudanças de atitudes das pessoas em relação ao preconceito na enfermagem; 18,2% relataram que persistem as situações. Por outro lado, 22,7% não perceberam tais mudanças, pelo fato de estarem afastados da prática profissional (aposentadoria).

**Conclusões:** Os resultados parciais do estudo possibilitaram-nos perceber a importância dessa temática nos dias atuais, provocando a reflexão sobre as formas de manifestação do preconceito percebidas pelos enfermeiros em diferentes décadas e os modos de enfrentamento. Com isso, esperamos contribuir para a realização de outros estudos nessa temática, e aprofundar a análise dos resultados do presente estudo.

**Referência Bibliográfica:** <sup>1</sup>Oguisso T. Trajetória histórica e legal da enfermagem. São Paulo: Manole; 2005.